

Colleen Hoover
Tarryn Fisher

NUNCA JAMAIS

parte dois

Tradução de
PRISCILA CATÃO

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2017



Silas

Começa lentamente.
A chuva.

Um respingo aqui, um borrifo ali. Primeiro no para-brisa na minha frente e depois nas janelas ao meu redor. As gotas começam a fazer o barulho de milhares de dedos tamborilando no teto do meu carro, mas não em uníssono. *Tap-tá-tap-tap-tá-tá-tap-tap-tap*. O barulho passa a me cercar completamente. Parece vir de dentro de mim, tentando sair. A chuva começa a escorrer pelo vidro, grossa o bastante para formar rastros compridos parecidos com lágrimas. Elas deslizam até a base e desaparecem em algum local além do que vejo. Tento acionar os limpadores, mas meu carro está desligado.

Por que meu carro não está ligado?

Limpo o vidro embaçado com a palma da mão para poder enxergar o lado de fora, mas a chuva está tão forte que não consigo ver nada.

Onde estou?

Eu me viro e olho para o banco de trás, mas não tem ninguém ali. Não tem nada ali. Depois me volto para a frente.

Pense, pense, pense.

Para onde eu estava indo? Devo ter cochilado.

Não sei onde eu estou.

Não sei onde “eu” estou.

Eu... eu... eu...

Quem sou eu?

Parece tão natural ter pensamentos com a palavra *eu*. Mas todos os meus pensamentos são ocios e leves, porque a palavra “eu” não está associada a ninguém. A nenhum nome, a nenhum rosto. Eu sou... *nada*.

O zumbido de um motor chama minha atenção enquanto um carro desacelera perto do meu na rua. A água respinga no para-brisa quando o veículo passa. Observo os faróis traseiros enquanto o carro continua diminuindo a velocidade e, por fim, para na frente do meu.

Luzes de marcha a ré.

Meu coração acelera e vai parar na boca, nas pontas dos meus dedos, nas têmporas. As luzes em cima do carro são acesas. *Vermelho, azul, vermelho, azul*. Vejo alguém sair do veículo. Tudo o que consigo distinguir é a silhueta da pessoa que começa a se aproximar do meu carro. Enquanto ela segue

até a porta do carona, mal mexo o pescoço e mantenho o olhar fixo no dela, que vem se aproximando da janela.

Uma batida.

Toc, toc, toc.

Aperto o botão para baixar as janelas... *Como é que eu sabia fazer isso?* Abro a janela.

Um policial.

Socorro, quero dizer.

Esqueci para onde eu estava indo, quero dizer.

— Silas?

Sua voz me assusta. É alta. Grita a palavra *Silas* para tentar competir com o barulho da chuva.

O que isso significa? *Silas*. Talvez ele seja francês. Talvez eu esteja na França e *Silas* seja um cumprimento. Talvez eu devesse responder *Silas* também.

O homem pigarreia e diz:

— Seu carro quebrou?

Ele não é francês.

Olho para o painel de controle. Forço meus lábios a se separarem para que formem alguma palavra. Em vez disso, arquejo. Eu não tinha percebido que estava prendendo a respiração. Quando solto o ar dos pulmões, sai um som entrecortado... constrangedor. Olho para o policial parado do lado de fora da janela.

— Não — respondo.

Minha voz me assusta. Não a reconheço.

O policial se inclina e aponta para o meu colo.

— O que é isso aí? — pergunta ele. — Direções para algum lugar? Está perdido?

Olho para a pilha de papéis nada familiar em meu colo. Empurro-a para o banco do carona, querendo tirá-la de cima de mim, e balanço a cabeça mais uma vez.

— Eu, hum, estava apenas...

Minhas palavras são interrompidas por um toque. Um toque alto, vindo de dentro do carro. Sigo o barulho, remexendo os papéis no banco até encontrar um celular embaixo. Confiro o identificador de chamadas. *Janette*.

Não conheço nenhuma Janette.

— Precisa sair do acostamento, rapaz — diz o policial, se afastando. Aperto um botão na lateral do celular para colocá-lo no silencioso. — Siga seu caminho e volte para o colégio. Hoje à noite tem um jogo e tanto.

Jogo e tanto. Colégio.

Por que nada disso me parece familiar?

Assinto.

— A chuva deve diminuir logo, logo — acrescenta ele. Depois dá um tapa no teto do meu carro, como se estivesse me dispensando. Balanço a cabeça mais uma vez e aperto o botão que controla as janelas. — Peça para seu pai guardar um lugar para mim esta noite.

Concordo com a cabeça de novo. *Meu pai*.

O policial fica me encarando por mais alguns segundos, com um olhar de curiosidade. Finalmente, balança a cabeça e começa a voltar para a viatura.

Olho para o meu telefone. Quando estou prestes a apertar um botão, o aparelho começa a tocar de novo.

Janette.

Quem quer que seja Janette, ela está louca para que alguém atenda este celular. Deslizo o dedo pela tela e a levo ao ouvido.

— Alô?

— Encontrou ela? — Não reconheço a voz no telefone. aguardo alguns segundos antes de responder, na esperança de me lembrar de algo. — Silas? Alô?

Ela acabou de dizer a mesma palavra que o policial. *Silas.* Mas ela falou como se fosse um nome.

Meu nome?

— O quê? — digo ao telefone, me sentindo confuso com relação a tudo.

— Encontrou ela? — Sua voz está em pânico. *Encontrei ela?* E quem é que eu deveria estar procurando? Eu me viro e confiro novamente o banco de trás, apesar de saber que não tem ninguém no carro comigo. Eu me volto para a frente, sem saber como responder à pergunta que ela acabou de me fazer.

— Se a encontrei? — pergunto, repetindo a questão. — Eu... *você a encontrou?*

Janette resmunga.

— Por que eu estaria ligando pra você se tivesse a encontrado? Afasto o celular do ouvido e olho para o aparelho. Estou tão confuso... Coloco-o de volta na orelha.

— Não — digo. — Não a encontrei.

Talvez essa garota seja minha irmã mais nova. Ela parece jovem. Mais do que eu. Será que ela perdeu a cachorrinha e eu

saí por aí à procura do animal? Talvez meu carro tenha deslizado por causa da chuva e acabei batendo a cabeça.

— Silas, ela não é de fazer isso — diz Janette. — Teria me dito se não fosse voltar pra casa ou se não fosse para o colégio hoje.

OK, pelo jeito não estamos falando de nenhuma cachorrinha. E o fato de que tenho certeza absoluta de que estamos falando de uma pessoa que aparentemente está desaparecida me deixa muito inquieto, pois neste momento nem sei direito quem sou. Preciso desligar antes que diga algo errado. Algo que me incrimine.

— Janette, preciso desligar. Vou continuar procurando.

Encerro a ligação e largo o celular no banco ao lado. Os papéis que estavam em meu colo chamam minha atenção. Estendo o braço para pegá-los. As páginas estão grampeadas, então começo pela primeira. É uma carta, endereçada a mim e a algum outro cara chamado Charlie.

Charlie e Silas,

Se não sabem por que estão lendo isso, é porque se esqueceram de tudo.

Hein? A primeira frase não é o que eu estava esperando ler. Na verdade, não sei o que eu estava esperando.

Não reconhecem ninguém, nem mesmo vocês próprios. Por favor, não entrem em pânico e leiam a carta toda.

É um pouco tarde para a parte do *não entrem em pânico*.

Não temos certeza do que aconteceu, mas estamos com medo de que aconteça de novo se não escrevermos. Pelo menos com tudo escrito e deixado em mais de um lugar, estaremos mais preparados se acontecer de novo.

Nas páginas seguintes, vocês vão encontrar todas as informações que temos. Talvez ajude de alguma maneira.

— *Charlie e Silas*

Não viro a página imediatamente. Largo as folhas no colo e levo as mãos ao rosto. Esfrego-as para cima e para baixo repetidamente. Dou uma espiada no retrovisor e desvio o olhar imediatamente quando não reconheço os olhos que me encaram de volta.

Isso não pode estar acontecendo.

Fecho os olhos com força e levo os dedos até a ponte do nariz. Fico esperando eu mesmo acordar. Isso é um sonho e preciso acordar.

Um carro passa, e mais água respinga em meu para-brisa. Fico observando-a escorrer e desaparecer embaixo do capô.

Não posso estar sonhando. Tudo está nítido demais, detalhado demais para ser um sonho. Sonhos são borrados e não fluem de um momento para outro como tudo o que está acontecendo.

Pego as páginas de novo, e cada frase se torna mais difícil de ler do que a anterior. Minhas mãos ficam cada vez mais trêmulas. Minha mente está um turbilhão enquanto examino a folha seguinte. Descubro que me chamo mesmo Silas e que Charlie,

na verdade, é o nome de uma garota. Será que ela é que está desaparecida? Continuo lendo, apesar de não conseguir deixar a incredulidade de lado e aceitar as palavras à minha frente. E não sei por que não me permito acreditar nelas, pois tudo que estou lendo certamente coincide com o fato de eu não me lembrar de nada daquilo. É que abandonar a incredulidade seria o mesmo que admitir que isto é possível. Que, de acordo com o que estou lendo, acabei de perder a memória pela quarta vez.

Minha respiração está quase tão irregular quanto a chuva que cai no teto do meu carro. Levo a mão esquerda até a nuca e a aperto enquanto leio o último parágrafo, que, aparentemente, escrevi dez minutos atrás.

Charlie entrou num táxi na Bourbon Street ontem à noite e ninguém a viu desde então. Ela não sabe sobre esta carta. Encontre-a. A primeira coisa que você precisa fazer é encontrá-la. Por favor.

As últimas palavras da carta estão rabiscadas, quase ilegíveis, como se meu tempo estivesse acabando enquanto as escrevia. Deixo a carta no banco, pensando em tudo que acabei de descobrir. A informação faz minha mente disparar com mais rapidez do que meu coração. Sinto um ataque de pânico se aproximando, ou talvez um ataque de nervos. Agarro o volante, me forço a inspirar e expirar pelo nariz. Não faço ideia de como sei que isso acalma. A princípio, não parece funcionar, mas fico parado assim por vários minutos, pensando em tudo que acabei de descobrir. *Bourbon Street, Charlie, meu irmão,*

a menina camarão, a leitura de tarô, as tatuagens, meu amor por fotografia. Por que nada disso me parece familiar? Só pode ser uma brincadeira. Essas informações devem ser sobre outra pessoa. Não posso ser Silas. Se eu fosse, *sentiria* que sou ele. Não teria a sensação de estar completamente separado da pessoa que supostamente sou.

Pego o celular de novo e abro o aplicativo da câmera. Eu me inclino para a frente e estendo o braço para trás, puxando a camisa por cima da cabeça. Seguro o celular por trás e tiro uma foto das minhas costas, depois coloco a camisa no lugar e confiro o telefone.

Pérolas.

Há um colar de pérolas tatuado nas minhas costas, assim como dizia na carta.

— Merda — sussurro, encarando a foto.

Meu estômago. Acho que vou...

Abro a porta do carro bem na hora. O que quer que eu tenha comido no café da manhã vai parar no chão, perto dos meus pés. Minhas roupas estão ficando encharcadas enquanto continuo ali, esperando vomitar mais uma vez. Quando acho que o pior já passou, volto para dentro do carro.

Olho para o relógio, que indica que são 11:11.

Ainda não sei no que acreditar, porém, quanto mais o tempo passa, sem que eu me lembre de nada, mais começo a considerar que talvez eu realmente tenha apenas pouco mais de quarenta e sete horas antes que essa situação se repita.

Estendo o braço por cima do banco do carona e abro o porta-luvas. Não sei o que estou procurando, mas ficar parado

aqui sem fazer nada parece perda de tempo. Tiro o que tem ali dentro, deixando de lado os documentos do veículo e do seguro. Encontro um envelope com nossos nomes escritos. *Uma cópia de tudo que acabei de ler.* Continuo folheando os papéis até uma folha dobrada bem no fundo do porta-luvas chamar minha atenção. Tem o meu nome escrito. Abro e a primeira coisa que leio é a assinatura embaixo. É uma carta de Charlie. Volto para o topo da página e começo a ler.

Querido Silas,

Esta não é uma carta de amor, tá? Por mais que você tente se convencer disso, não é verdade. Porque não sou esse tipo de garota. Odeio essas garotas, sempre tão melosas e nojentas. Eca.

Enfim, esta é uma carta de não amor. Por exemplo, não amo a maneira em que você trouxe suco de laranja e remédio pra mim na semana passada, quando eu estava doente. E que cartão era aquele, hein? Você me ama e espera que eu melhore logo? Aff.

E definitivamente não amo o fato de que você finge que sabe dançar, sendo que na verdade você fica parecendo um robô com defeito. Não é bonitinho e de jeito nenhum me faz rir.

Ah, e quando você me beija e se afasta para me dizer que sou linda? Não gosto mesmo disso. Por que você não pode ser como os outros caras, que ignoram as namoradas? É muito injusto eu ter que lidar com isso.

E, por falar em como faz tudo errado, lembra quando machuquei as costas durante o treino para líder de torcida? E você faltou a festa de David para passar pomada nas minhas costas e assistiu a Uma Linda Mulher comigo? Foi um sinal

evidente de como você pode ser carente e egoísta. Como se atreve a fazer isso, Silas?!

Também não vou mais tolerar as coisas que você diz sobre mim quando estamos com nossos amigos. No dia em que Abby zombou da minha roupa, e você disse a ela que até um saco de lixo fica parecendo alta-costura em mim, não teve cabimento. E foi pior ainda quando você levou Janette ao oftalmologista porque ela estava sempre com dor de cabeça. Você precisa se dar conta de que toda essa atenção e consideração não é nada atraente.

Então estou aqui para dizer que certamente não amo você mais do que qualquer outro ser humano neste planeta. E que não sinto nenhum frio na barriga toda vez que você chega, e sim um calor infernal. Sendo que você é muito, muito feio. Estremeço toda vez que vejo sua pele perfeita e penso: meu Deus, este garoto seria tão mais bonito se tivesse algumas espinhas e dentes tortos. Pois é, você é um nojo, Silas.

Não estou apaixonada.

Não mesmo.

Nunca, jamais.

Charlie

Fico encarando a maneira como ela se despediu e leio as palavras mais algumas vezes.

Não estou apaixonada.

Não mesmo.

Nunca, jamais.

Charlie